

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

PÓS-MULHER: CORPO, GÊNERO E SEDUÇÃO

POST- WOMAN: BODY, GENDER AND SEDUCTION

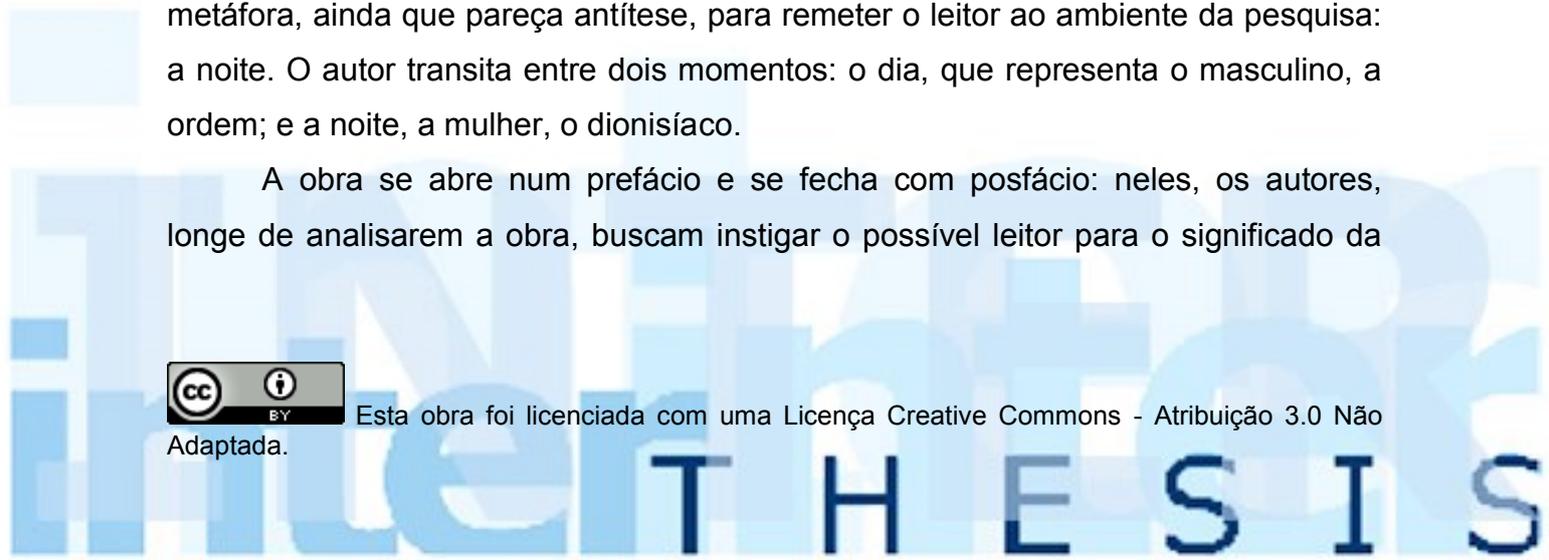
POSMUJER: CUERPO, GÉNERO Y SEDUCCIÓN

ALVES, Fábio Lopes. **PÓS-MULHER: CORPO, GÊNERO E SEDUÇÃO**. Curitiba: Champagnat, 2014. 184p.

Cientista social, Fábio Alves tem mergulhado já há algum tempo na temática de gênero numa vertente antropológica. Em 2010, publicou, como resultado de sua investigação no mestrado, a obra *Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício*, atualmente na terceira edição. Ao final desta obra, diz Alves que ninguém mergulha no mundo da prostituição e sai de lá como entrou, e parece ser esta transformação que também parece acontecer quando se lê *Pós-mulher: corpo, gênero e sedução*, nascida a partir da tese de doutoramento do autor, escolhida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade de Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), como melhor tese de doutorado defendida em 2013, para concorrer ao Prêmio CAPES de tese.

Ilustrado, o livro parece querer seduzir leitores, a começar pela capa, cuidadosamente trabalhada, e pela contracapa, com adereços em relevo apropriado ao uso feminino. Há um jogo semiótico preto-branco nas páginas do livro, numa metáfora, ainda que pareça antítese, para remeter o leitor ao ambiente da pesquisa: a noite. O autor transita entre dois momentos: o dia, que representa o masculino, a ordem; e a noite, a mulher, o dionisíaco.

A obra se abre num prefácio e se fecha com posfácio: neles, os autores, longe de analisarem a obra, buscam instigar o possível leitor para o significado da



representação feminina nos estudos sobre gênero, feminino e corporeidade, bem como desafiar para novas pesquisas.

São as vozes de atrizes que emergem no interior da obra. Mulheres jovens, bonitas, heterossexuais, brancas, todas com ensino superior completo, uma delas cursando doutorado. Uma se casou aos dezessete anos e, no momento da pesquisa, tinha 27. Todas as demais têm relacionamento considerado sério e idade entre 22 e 25 anos e fazem parte do universo social do pesquisador. O que elas têm em comum? O fato de produzirem seus corpos para saírem à noite. É a partir dessa produção corporal que circula o universo da pesquisa.

A introdução, além de apresentar a pesquisa, traz as bases teóricas que deram suporte ao autor para que ele pudesse percorrer seu caminho e responder suas dúvidas. A primeira delas é: “Quais são, a partir das relações de gênero (BUTLER, 2010), as intenções estabelecidas pelas mulheres quando se produzem para sair à noite?” (p. 19). Em seguida, “Ao reconhecer que a produção corporal se torna uma ferramenta de sedução diante do poder feminino, será que as mulheres não passaram a usar seus corpos como válvula de escape, isto é, como salvação da opressão a que estiveram submetidas por muito tempo?” (p.21).

Destarte, o corpo feminino é o ponto de partida ao que Alves chama de ensaio. Conjugam-se nesta escritura ensaística dois autores, aquele que esteve presente por muitos meses numa pequena casa de prostituição no interior de Mato Grosso e escreveu *Noites de Cabaré*, e este, de agora, que transita na noite de uma cidade paranaense na busca de entender o que pensam as mulheres que produzem seus corpos para saírem à noite, o que ele nomeia, posteriormente, de *pós-mulher*.

Um homem falar do corpo feminino sem agredir a mulher equivale a despir-se do macho, do machismo e do machista, sem ser também feminista. Ser, sim, cômico de seu papel de cientista social, para quem o objeto de estudo é em si social. Assim, Fabio Alves compreende e tece esse sentido na obra em que o corpo feminino, seja naquela primeira obra, seja nesta segunda, é um corpo social dotado de sentidos sociais, ao mesmo tempo em que é também individual.

Ao habitar esse corpo feminino, o autor se veste para o ensaio, em que sobressaem as características de “sensibilidade teórica; antissistematismo, academicismo e reivindicação do relativismo intelectual” (p.23). Essa sensibilidade

teórica aparece também na acurada estética da obra, belamente construída, como são belos e construídos os corpos estudados.

Numa espécie de simbiose, há páginas pretas com letras brancas e brancas com letras pretas, num reverso que reimprime a visão da noite e sua sedução. Assim, o diálogo com o leitor se estabelece para além da escrita. Faz-se também por sensações: é o sensorial/visual, ver para sentir; o preto remete à mulher e sua sedução noturna.

Aliás, a palavra *sedução* permeia toda a escritura: “a produção corporal feminina na noite tem nos revelado que estamos atravessando uma fase do jogo das relações de gênero, na qual, enquanto a principal carta do masculino é o poder, a do feminino, utilizada pelas pós-mulheres, é a sedução” (p.148).

Dividido em três capítulos, o ensaio recorreu a um “pluralismo metodológico”. Com base em Becker, o autor buscou primeiro observar e conhecer seu objeto para, somente depois, teorizá-lo.

“Noite: o laboratório sociocultural da mulher contemporânea” é o Capítulo Um e está dividido em três seções. A primeira, trazendo como epígrafe um fragmento de uma música de Erasmo Carlos, aponta que um dos objetivos é discorrer sobre as implicações que os regimes do dia e da noite trazem ao corpo feminino, bem como apresenta teorias de Durand; Bourdieu e Simmel para apoiar a discussão sobre esses regimes.

Versátil, além da produção do corpo feminino no dia e na noite feita na primeira seção, Alves, na seção dois, discute sobre “O corpo feminino entre a sedução e o coquetismo”. Relembrando a música da banda Inimigos da HP, “Tipo Fiona”, compreende que esta canção é a imagem da mulher pós-moderna e sustenta sua posição dialogando com Simmel, Braga, Baudrillard, Barcellos, David Le Breton e Michel Maffesoli, com os quais procura pensar o fenômeno da produção corporal contemporânea e o que é ser mulher na contemporaneidade, refletindo sobre o corpo como “lugar privilegiado” (p. 41).

Tem-se aqui a tese de Fábio Lopes Alves: o corpo da mulher reflete a “forma de organização cultural e de relações sociais, a maneira como as mulheres se produzem e usam seus corpos é parte do modo como articulam suas relações de gênero” (p.47).

Na seção três, outro diálogo se faz, agora com uma peça midiática, objeto de controvérsias no mundo feminino, lembrando famosa modelo brasileira que usa seu corpo para dobrar seu marido a seus desejos. Para o autor, mais uma vez, longe de ser a mulher um objeto que usa seu corpo para atingir fins, quem assume este papel é o homem. O capítulo 1, por conseguinte, constrói um constante diálogo que vai da música, passando por peça publicitária, à confrontação teórica com o objetivo de apresentar o tema da pesquisa.

Este é um trabalho baseado no senso comum. Diante dessa assertiva e das preocupações epistemológicas que ela traz, o autor demonstra um rigor metodológico, ainda que ele negue que seu ensaio prime pela cientificidade e mesmo que também não existam certezas na pós-modernidade. Assim, o capítulo 2, “Produção corporal feminina, senso comum e ciência pós-moderna”, é um mergulho na metodologia.

Numa linguagem simples, ainda que traga características dos procedimentos metodológicos, o autor conta-nos como construiu sua pesquisa e aponta suas pretensões: “fazer perguntas que até mesmo uma criança poderia fazer. Entretanto, esperamos que, por meio das respostas emitidas pelas mulheres entrevistadas, esses saberes possam, de algum modo, trazer outras reflexões sobre os cuidados corporais femininos quando se trata de ir à noite” (p.61).

E, mais adiante reafirma sua preocupação: “discurso leve não significa discurso sem teoria, nem mesmo sem referenciais” (p.69). Este capítulo encontra-se dividido em três seções, e com uma introdução, abrindo-se com um poema de Manoel de Barros que fala sobre as crianças e sua sabedoria e remete ao leitor a questão teorizada sobre o senso comum ser a base deste estudo. A seção “Ruptura com a ruptura” intenta mostrar a volta do senso comum nas pesquisas sociais, até então marginalizado pela ciência moderna, e discute, por conseguinte, o papel do cientista social nesse processo.

A segunda seção, “Ciência pós-moderna”, assinala a renovação do pensamento social, trazendo para a conversa Maffesoli e Gadea, entre vários outros teóricos. É a Maffesoli que o autor credita o pensamento sobre “saturação”, não só entre a ciência moderna com a pós-moderna, mas também entre a mulher moderna e a pós-moderna e vai, numa longa reflexão, explicar esses sentidos. Este é um momento de reflexão metodológica para o autor que, num processo de consciência

social, revela não somente aspectos metodológicos percorridos, mas também o amadurecimento intelectual do pesquisador.

Revelam também as diferentes e várias leituras feitas para se alcançar um ensaio que primou por ousar andar por um caminho ainda não transgredido: dizer que a mulher pós-moderna usa conscientemente seu corpo para que ele, produto de relações sociais, possa lhe permitir obter sucesso social.

A seção “Fenomenologia formista” é outro momento da discussão teórica. Mostra mais uma vez o pesquisador preocupado em retratar seu estudo como fonte de saber/conhecimento e de uma nova possibilidade, posto que o autor, num “saber incorporado” por meio da “intuição”, busca impulsionar um “novo olhar para as coisas do dia a dia” (p.83). Este e os demais capítulos nos permitem afirmar, por suas disposições, que eles sugerem uma atitude dionisíaca ao leitor que passa a coexistir e vivenciar o propósito da obra e de suas metodologias plurais. Ou seja, as páginas se abrem para a descrição do fenômeno enamorando-se do objeto social sem a pretensão de acabá-lo, mas sim de construir uma abertura.

Por fim, o leitor se coloca diante do Capítulo 3, “O declínio da mulher e a ascensão da pós-mulher: corpo, mídia e sedução”. Touraine é o escolhido para a epígrafe e, a partir dele, tem-se a questão que rondará toda a tessitura: “Quem é essa mulher representada na produção corporal que se apresenta na noite”. São as quatro atrizes que respondem a essa pergunta, mediada pela interlocução com Narvaz e Koller, Spivak, Mauss, Barbier entre outros autores. A ousadia de Alves transgride também as redes sociais; numa delas, ele busca colher também outras visões femininas sobre o fato, para que possa, num exercício de contraponto, pensar as vozes das atrizes que circulam em seu ensaio. Ressalte-se que há no estudo, como observa o autor, um tom de “otimismo” que se contrapõe a outra perspectiva do estudo de gênero, a do “pessimismo”.

São quatro as seções deste Capítulo, pela ordem: “a pós-mulher”; “a pós mulher e seu papel emancipatório diante da atuação midiática”; “O corpo como patrimônio e os investimentos da pós-mulher em capital corporal” e “pós-mulher e sedução: quando o guia é, na verdade, o guiado”. Em todas essas seções, buscar-se-á apontar como são percebidas a “lógica da dominação” tanto do masculino como do feminino. A ruptura dessa lógica se processa na fissura entre o que teoriza Bourdieu e o que afirmam Simmel e Baudrillard. O leitor se deparará não com o

nascimento de uma nova mulher nos estudos de gênero, mas talvez, diante do que se descortina, poderá vislumbrar novas perspectivas dessa questão a partir do pensar o corpo feminino num “novo regime de gênero: o mundo das pós-mulheres [...] instrumento de sedução” (p.144).

Assim posto, o que pretende Fábio Alves ao ingressar neste denso universo dos estudos de gênero, tão controverso e, ao mesmo tempo, tão necessário? Talvez cada leitor e leitora poderá dar uma resposta a esta pergunta. Bem como cada um, de um modo, responderá às muitas perguntas inseridas no interior do ensaio.

O que se pode afirmar é que este estudo, inédito, trará novas luzes sobre as investigações de gênero, nas quais o papel do homem e seu poder de dominação masculina, em conformidade com Bourdieu, terão sido superados e se reverterão em uma visão de ruptura e numa suplantação desse modelo pelo da dominação feminina, em que a sedução assume um papel primordial nos estudos da sociedade pós-moderna e, na qual, emerge uma pós-mulher, consciente de que seu corpo é um fenômeno social e que a produção corporal é um sistema de interpretação.

Por:

Maristela Abadia Guimarães, Doutoranda em Educação, na área de Relações Raciais e Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Bolsista e tutora da Universidade Aberta do Brasil UAB/UFMT. Professora do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso, Campus de Pontes e Lacerda. Nas áreas de Letras, Educação das Relações Raciais, Metodologia da Pesquisa Científica. E-mail: maristelaabadia@uol.com.br

Resenha:

Recebido em Julho de 2014
Aceito em Outubro de 2014